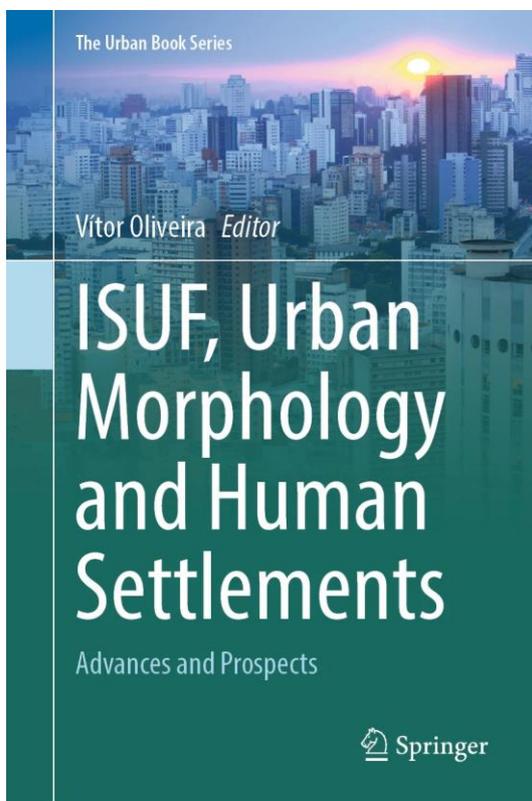




RESENHAS



ISUF, Urban Morphology and Human Settlements: Advances and Prospects, de Vitor Oliveira, Springer, Cham, 2024, 274p. ISBN 978-3-031-58136-6.

A publicação do livro *ISUF, Urban Morphology and Human Settlements – Advances and Prospects* (Oliveira, 2024, Fig.1) coincide com a celebração dos 30 anos do *International Seminar on Urban Form* (ISUF). Este encontro anual de acadêmicos dedicados ao estudo da forma física das cidades teve início em 1994, dando um caráter mais internacional ao grupo original formado em meados dos anos 1970 na Inglaterra. O

livro, editado pelo atual presidente do ISUF e publicado originalmente em inglês, conta com doze capítulos agrupados a partir da sua natureza retrospectiva ou prospectiva. Seus autores são acadêmicos ligados a instituições na Inglaterra, Estados Unidos, China, Irlanda, Itália, Turquia e Portugal, com longa relação com o Seminário Internacional e sua revista, a *Urban Morphology*.

Com o pretexto comemorativo, *ISUF, Urban Morphology and Human Settlements – Advances and Prospects* recupera conceitos e teorias seminais e oferece ferramentas e procedimentos para melhor entendermos como conformamos nossas cidades, nas suas várias especificidades históricas e geográficas, e como interagimos com elas. E todo este conteúdo almeja proporcionar soluções adequadas para a construção deste artefato.

O primeiro e mais longo capítulo, de Vitor Oliveira, traça a genealogia das diferentes tradições da morfologia urbana e apresenta o *Seminário* como instrumento de difusão e consolidação da disciplina, destacando o papel da revista e das redes regionais do ISUF. A realização das 31 edições do *Seminário*, com a publicação da revista semestral há 28 anos e a constituição de nove grupos regionais evidenciam o avanço, o fortalecimento, a abrangência e a diversidade dos estudos morfológicos. É interessante notar que o incremento dos estudos sobre a forma urbana ganhou expressão no período em que se fortaleceram as críticas à cidade racionalista/funcionalista. A abordagem histórico-geográfica que se consolidou na Inglaterra, a leitura do espaço urbano existente

e o reconhecimento de tipos edifícios como base para novas propostas que se firmaram na Itália, e a discussão francesa sobre a constituição do tecido urbano, seus agentes e processos formativos, voltaram-se para o entendimento da cidade do presente, construída no passado, como base para o desenvolvimento dos lugares que habitamos. Nesse sentido, a morfologia urbana e o ISUF não deixam de estar inseridos no contexto da pós-modernidade. Como esta resenha está dirigida aos leitores de língua portuguesa em geral e, em particular, aos brasileiros, cabe mencionar que os Seminários de Desenho Urbano (SEDUR), realizados em Brasília em 1984, 1986, 1988 e 1991, contaram com egressos de Oxford Brookes e da University College of London, mais especificamente Staël de Alvarenga Pereira Costa, que havia estudado com Ivor Samuels – autor de um dos capítulos do livro e pivô na formação do ISUF –, e Frederico de Holanda, que havia pesquisado sintaxe espacial com Bill Hillier. Assim como o ISUF, o SEDUR também representa um ponto de inflexão na abordagem dos estudos das cidades no Brasil e muitos dos trabalhos apresentados nesta série de quatro seminários envolveram morfologia urbana.

O segundo capítulo, assinado por Michael Barke, reflete sobre as características distintivas do ISUF como associação acadêmica sem fins lucrativos, de natureza essencialmente voluntária. O texto faz um balanço interessante, mostrando que a organização do *Seminário* teve desde cedo um caráter internacional, mantido ao longo dos anos, ainda que a contribuição oriunda da África e do subcontinente indiano seja ínfima; que mais de 70% dos artigos publicados na *Urban Morphology*, em inglês, não são de autores anglófonos; que cada edição dos *Seminários* tem reunido uma média de 270 participantes que, em geral, não se tornam frequentadores regulares do ISUF; e que o número de associados ‘permanentes’ é apenas 50. O texto revela ainda que o ISUF tem uma predominância de arquitetos, geógrafos e planejadores, mas há contribuições vindas de diversas outras disciplinas. Neste balanço feito por Barke se confirma a desejável permanência de valores capitais para o ISUF – como a interdisciplinaridade –, mas se reconhece, maduramente, algumas das suas

fragilidades, como a participação flutuante. Ela se torna mais preocupante quando se percebe que nomes importantes da morfologia urbana, como muitos dos autores dos capítulos do livro, já estão deixando de participar dos encontros anuais.

No capítulo três, Tolga Ünlü analisa os ‘comentários’ bianuais que Jeremy Whitehand assinou como editor da revista do ISUF por vinte e três anos consecutivos. Para quem conheceu Whitehand, é muito natural notar que seus editoriais ensinam aquilo que ele aconselhava pessoalmente: a potencialidade de abordagens integradas relacionando estudos interdisciplinares e transculturais; a necessidade de fortalecimento das relações entre teoria e prática; a necessidade de sobreposição entre a particularidade do contexto local e o pensamento teórico mais amplo e compartilhado, pois dificilmente haverá ciência do particular. A escola inglesa de morfologia urbana, caracterizada pela abordagem histórico-geográfica da qual Whitehand é um dos expoentes, é o tema do quarto capítulo. Assinado por Vítor Oliveira, Michael P. Conzen e Susan Whitehand – esposa de Jeremy –, o texto expõe conceitos e procedimentos como análise do traçado urbano, regiões morfológicas e franjas de hiatos urbanos. No capítulo seguinte, Nicola Marzot discute o pensamento da escola italiana, recorrendo sobre tópicos fundamentais, como tipologia, e autores relevantes, como Saverio Muratori, Aldo Rossi e Gianfranco Caniggia. O sexto capítulo, de Ivor Samuels, encerra a primeira parte do livro, dedicada à história do ISUF e do desenvolvimento da morfologia urbana, analisando sua evolução no contexto inglês.

Abrindo a segunda parte do livro, Keith D. Lilley explora no sétimo capítulo o futuro da análise dos traçados urbanos em intersecção com outras disciplinas. Neste texto, a ferramenta que tem permitido aos morfologistas compreender a evolução das formas urbanas é aproximada dos estudos comparativos e pós-coloniais e de tecnologias digitais. A análise da ocupação territorial é outra perspectiva de estudo morfológico, sondada no capítulo oito, de autoria de Nicola Marzot. O reconhecimento das marcas que deixamos na paisagem – a transformação que impomos à natureza – não pode se esquivar de

considerar a materialidade digital, que restringe ou estimula nossas ações físicas no meio ambiente. Já o nono capítulo repassa o desenvolvimento de estudos morfológicos em cidades chinesas e, desse modo, Kai Gu mostra que a morfologia urbana é uma disciplina eminentemente ocidental e estudos transculturais podem oferecer a ela novos *insights*. No capítulo seguinte, Peter Larkham explora o trabalho em morfologia urbana para além da fronteira disciplinar, acadêmica, profissional e cultural, com vistas a promover trabalhos colaborativos, inovadores, inter e transdisciplinares – um novo ecossistema para o pensamento, a pesquisa e a publicação. No penúltimo capítulo, Karl Kropf discorre sobre a potencial e oportuna (re)aproximação entre a crítica social e a morfologia urbana. Em uma sociedade tão diversa, torna-se vital compreender diferentes culturas construtivas – suas intenções, escolhas, agentes – para a formulação de propostas ‘alternativas’. Como último capítulo, Vítor Oliveira enfoca a gama de assentamentos humanos em diferentes partes do mundo, explorando seus aspectos físicos, a dimensão ambiental, as dinâmicas socioeconômicas, e os desafios a serem enfrentados nas próximas décadas. Para isso, o texto recorre a teses recentemente defendidas por vinte jovens morfologistas, majoritariamente europeus.

Curiosamente, dois dos autores de capítulos – Karl Kropf e Peter J. Larkham – e a autora da apresentação do livro – Anne Moudon – estavam presentes no primeiro encontro do ISUF, o que legitima esta publicação como relato de participantes presentes. Em geral, os capítulos estão atrelados à referências diversas, clicáveis e, portanto, facilmente acessíveis; são trabalhos seminais e publicações relevantes, o que adiciona conteúdo extra a cada capítulo, por vezes

muito abrangente e pouco profundo, dados a natureza e o sentido desta publicação. A bibliografia citada recupera trabalhos pioneiros e casos exemplares como sinalização para pesquisas futuras envolvendo traduções de textos-chave, empréstimos de conceitos, trabalhos em equipe, conexão de distintos campos do saber e transferências de ideias e noções entre eles.

ISUF, Urban Morphology and Human Settlements – Advances and Prospects é uma publicação extremamente relevante para a área porque compila conceitos, termos e robusta produção bibliográfica; porque reúne recomendações e potenciais perspectivas de trabalho. Enquanto a primeira parte do livro é historiográfica e instrutiva, a segunda se revela muito sugestiva ao descortinar novos horizontes para os estudos da forma urbana. Para os membros do ISUF a primeira parte do livro registra o conjunto dos nossos trabalhos nas três últimas décadas; para os leitores em geral esta publicação é leitura fundamental para conhecer a história do ISUF e seus principais atores, suas contribuições individuais e seu legado conjunto. É ainda essencial para quem está se engajando nesta disciplina e pretende analisar a forma das cidades que estamos construindo neste momento.

Renato Leão Rego, Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo 5790, Maringá, Brasil, E-mail: rlrego@uem.br

Higor Ribeiro da Costa, Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo 5790, Maringá, Brasil, E-mail: chr94@outlook.com

*Editoras responsáveis pela submissão: Eneida Maria Souza Mendonça, Michela Sagrillo Pegoretti.
Editor assistente: Vitor de Toledo Nascimento. Editora de texto: Linda Emiko Kogure*

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

